

# LIVROS BIOGRÁFICOS SOBRE MULHERES NA HISTORIOGRAFIA EDUCACIONAL BRASILEIRA

## BIOGRAPHICAL BOOKS ABOUT WOMEN IN BRAZILIAN EDUCATIONAL HISTORIOGRAPHY

Ana Raquel Costa Dias 1  
Claudia Panizzolo 2

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar um levantamento bibliográfico de livros de caráter biográfico, que propuseram apresentar biografias históricas de mulheres, em especial escritoras e educadoras, participantes da História da Educação brasileira. O fazer biográfico é explanado como ação investigativa enriquecedora para a historiografia educacional, considerandDo as relações estabelecidas em diferentes tempos e espaços, onde a biografia de homens ilustres, sem máculas e ditos como exemplos a serem seguidos, impunha-se como lição central da História da Educação. Observa-se a presença contínua de nomes e vidas de mulheres, como objeto de estudo, nas literaturas e em outras escritas, revelando o uso da biografia histórica como prática historiográfica diversificada e plural no entendimento de diferentes recortes.

**Palavras-chave:** História da Educação. Biografias. Livros Biográficos. Mulheres.

**Abstract:** The objective of this article is to present a bibliographic survey of biographical books that have sought to present historical biographies of women, especially writers and educators, who have been part of the History of Brazilian Education. Biographical work is explained as an enriching investigative action for educational historiography, considering the relationships established in different times and spaces, where the biography of illustrious men, immaculate and presented as examples to be followed, was imposed as the central lesson of the History of Education. There is a continuous presence of names and lives of women as an object of study in literature and other writings, revealing the use of historical biography as a diversified and plural historiographical practice in understanding different spatial and temporal sections.

**Keywords:** History of Education. Biographies. Biographical Books. Women.

- 1 Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), no Departamento de Teoria e Fundamentos na área de História da Educação. Doutora e Mestre em Educação (Estado, Políticas e História da Educação) pela Universidade Federal de Goiás. Graduação em Pedagogia (FE-UFG). Especialista em História Cultural: imaginário, identidades e narrativas (PPGH-UFG). Coordenadora do GT de História da Educação da ANPUH-GO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8902645603057041>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4534-0354>. E-mail: [profa.anaraquel@gmail.com](mailto:profa.anaraquel@gmail.com)
- 2 Doutora em Educação: História, Política, Sociedade (PUC-SP). Mestre em Educação: História, Política, Sociedade (PUC-SP). Professora Associada IV da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH / UNIFESP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNIFESP). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Infância, Cultura, História (GEPICH). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7842950333039932>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3693-0165>. E-mail: [claudia.panizzolo@unifesp.br](mailto:claudia.panizzolo@unifesp.br)

## Prólogo à história biográfica sobre mulheres em diferentes escritas

No poema “Vozes-Mulheres” (2017) da linguista e escritora brasileira Conceição Evaristo, encontramos sinais da *escrevivência* da autora. Através de um eu-lírico feminino narra gerações, provavelmente de uma mesma família, constituída por mulheres negras. Nos deparamos com várias elocuições que registram as fases da vida, um texto literário, que também é registro histórico, composto em versos. Acionando a memória, trata de infância, escravidão, obediência, revolta, miséria, todos temas caros, sensíveis e cruéis.

Ao escrever sobre mulheres, a autora, ao mesmo tempo em que as transporta para diferentes universos, aproxima-as de presenças sociais e econômicas perversas. Durante a leitura, encontramos em comum, a existência da voz, independente do recinto. Vozes em diferentes graus, que sempre existiram, ecoaram e recolheram algo.

Ecoaram obediência, revolta e rimas de sangue e fome. Vozes mudas, caladas e engasgadas. Ao final, no formato de esperança, a voz ecoa ressonância, vida e liberdade. A última voz, prefacia as outras ditas e construídas em situações de resistência e de opressão. Na obra de Evaristo (2017), observa-se uma escrita literária histórica potente, que denuncia contextos violentos vividos por mulheres, em diferentes momentos da história brasileira. Ademais, revela-se, sobretudo, que mulheres possuíram e possuem voz, não obstante as realidades sofridas. Vozes que romperam e retumbaram ao longo dos séculos e que precisam ser registradas.

Falamos, portanto, de vozes femininas que se (con)fundem com outras. Evaristo (2016, p. 3) ainda alerta, que “O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso”.

Algumas literaturas escritas por mulheres, falam de si e de outras, em uma similaridade de conflitos, vivências e vozes, podem ser encontradas em outras literaturas, como é o caso de “Mulher da vida” (1975) escrito por Cora Coralina, “Florescer” (2018) da escritora indiana Rupi Kaur e em “Amazonidas” (2019) da poeta indígena Márcia Kambéba. Aqui fazemos uso das próprias palavras das autoras: Kambéba (2019) escreve sobre as filhas da ribanceira, das netas das benzedeiças e das deusas da mata molhada, e conclui alertando sobre a voz da resistência que ecoa. Kaur (2018) escreve sobre sua mãe e a mãe dela, e que, segundo ela, não tiveram o privilégio de viver. Se preocupa com um milhão de mulheres que vieram antes dela e com as outras que nascerão depois dela, para que possam ver além. Cora (1975), escreve sobre a mulher de todos os tempos, povos e latitudes, que carrega fardos e é estereotipada, machucada e sacrificada.

Na perspectiva da herança compartilhada e do sentimento que é, ao mesmo tempo particular e coletivo, o movimento que as escritoras citadas constroem, aproxima do proposto por Mendonça (2020, p. 9) como lugar de uma *performance* de poesia que aciona, compartilha e corporifica memórias, em um espaço de autorrepresentação, traçando uma “[...] linha que conecta diferentes mulheres marginalizadas e racializadas em diferentes contextos históricos de opressão e que aponta para um futuro”.

De todo modo, falamos aqui sobre história das, sobre e feita por mulheres, com vozes reais, inseridas em demandas e contextos. Manifestamos o porte de tal feito, as características que lhe são próprias e a capacidade ímpar de descortinar e denunciar para além das narrativas dominantes, ato deveras vital para a composição de uma historiografia plural.

Vidal (2021) alerta que tais construções literárias nascem quase que majoritariamente nas periferias, e que essas autoras partilham de motivos semelhantes aos que são expostos em suas escritas. Em sua acepção, a literatura feita por mulheres é real e suas vozes precisam ser escutadas e valorizadas, inclusive na academia, superando os cânones. Entende-se, portanto, um movimento de luta coletiva e que as palavras dessas mulheres falando sobre si e sobre outras, é uma ação política, uma escrita de combate.

Nos diferentes tipos de repositórios digitais e bibliotecas físicas, pode-se identificar um leque diversificado de escritas atuais, que retomam a história das mulheres, em recortes regionais, nacionais e internacionais. Pesquisadoras e pesquisadores têm se debruçado sobre diferentes tempos e espaços, refletindo sobre relações de poder, lugares ocupados por mulheres e as tensões e contradições que emergem a partir disso. Sem embargo, não pretendemos atestar para um

movimento longo e consolidado, mas considerar a existência de uma prática crescente, científica e sugestiva. A dita história sobre mulheres, encontrada nesses materiais é recente, e se insere no movimento de uma nova história, constituída por novos objetos, abordagens e fontes. O exercício assemelha-se com o proposto por diferentes intelectuais, com destaque para as proposições de Michelle Perrot. Inclusive a autora, em conferência proferida nos anos noventa do século XX, afirmou que produzir uma história das mulheres é um empreendimento novo e revelador de uma profunda transformação:

[...] está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes (“Não se sabe nada das mulheres”, diz-se em tom de desculpa). Também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível. Ambiciosa, com certeza, esta pesquisa tem se desenvolvido no mundo ocidental há vinte anos. Com efeito, há uma teoria e uma historiografia da história das mulheres a partir das quais se pode elaborar os primeiros balanços críticos e se questionar sobre o sentido, as dificuldades, os efeitos destas pesquisas (Perrot, 1995, p. 9).

Sob a luz da história, na esteira da necessidade de se preencher lacunas, contribuir com a historiografia e no intento de saldar dívidas, escreve-se sobre mulheres partícipes da educação, da militância política, das amarras religiosas, do universo cultural etc. Mas de que modo isso pode ser feito? Consideramos os diferentes jeitos de se fazer história, mas alertamos para o mais difícil deles, tal qual explana Le Goff (1999, p. 20): “Convenci-me, assim, desta evidência amedrontadora: a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história”.

A mudança sinalizada pode ser consultada nas pesquisas acadêmicas. A seguir alguns exemplos destas recentes pesquisas. A tese de Barrero (2021) sobre três militantes de esquerda de São Paulo, a atriz Lélia Abramo, a assistente social Luíza Erundina de Sousa e a professora Irma Rossetto Passoni, estudando a inserção de mulheres nos espaços da política institucional e nos movimentos sociais no decorrer dos séculos XX e XXI.

Merece destaque a pesquisa de Nunes (2021) sobre a vida de três mulheres brasileiras que militaram no Partido Comunista do Brasil (PCB), Elisa Kauffmann Abramovich (São Paulo), Julieta Battistoli (Porto Alegre) e Júlia Santiago da Conceição (Recife), a fim de pensar os limites e as possibilidades da militância de mulheres em geral e das comunistas em particular entre os anos 1930 e 1960 no Brasil.

O mesmo ocorre com Cruz (2019), que dissertou sobre a monja cordobesa Magdalena de la Cruz, condenada por santidade fingida e pacto diabólico pelo tribunal do Santo Ofício da Inquisição em maio de 1546. Urban (2020) biografou Nellie Ernestine Horne, uma canadense que atuou no estado da Paraíba, na formação de educadoras missionárias e na fundação de igrejas protestantes.

Santos (2016) biografou a professora e poeta Maria Bronzeado Machado, que possuía uma concepção nacionalista e religiosa de educação. Dias (2023) biografou Benedicta Stahl Sodré, Branca Alves de Lima e Iracema Furtado Soares de Meireles, educadoras brasileiras, empresárias e autoras das cartilhas de alfabetização mais comercializadas e adotadas no Brasil do século XX. Fernandez (2021) que biografou Teresinha Fróes Burnham, bióloga, professora universitária, com importante representa o no cenário da educa o da Bahia. Teixeira (2018) narrou a história de vida de Yvonne Jean, histologista de origem judaica, nascida na Bélgica, que fugiu para o Brasil, devido o avanço nazista e se tornou escritora, jornalista, tradutora, intérprete, galerista e promotora cultural.

O olhar histórico para as mulheres, com enfoque biográfico, permite desembrulhar al ns, que não são somente delas, fazendo uso de manifesta es e visões distintas, bem como desnudar um passado, ainda desconhecido em muitos aspectos. Reconhecemos assim, a importância singular

de se construir, uma história das mulheres por meio do registro biográfico.

Como Del Priore (2015, p.07) explana, é sobre uma história feminina que também é da “[...] família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos”. Para a autora, trata-se ainda, de um exercício que faz uso de diferentes fontes, como diários, fotos, cartas, testamentos, imprensa periódica, pinturas, das mais variadas realidades, desde o campo, a cidade, do norte ao sul. Além dos múltiplos extratos sociais: “[...] escravas, operárias, sinhazinhas, burguesas, heroínas românticas, donas de casa, professoras, boias-frias” (Del Priore, 2015, p. 8).

Isto posto, o presente artigo busca refletir no tocante à elaboração de uma história sobre mulheres, mediante a escrita biográfica, ou seja, intenta-se problematizar o registro biográfico feminino, considerando as necessidades, contribuições, desconfortos e desafios, presente em diferentes publicações.

Considerando a compreensão do fazer biográfico como algo que se ramifica, carrega potencialidades e impasses, a discussão fundamenta-se na compreensão de que narrar historicamente uma vida, pode ser feito de diferentes modos, com base em uma imensidão de documentos e em distintas áreas do conhecimento. O exercício tem o potencial de se comportar em guisas diversificadas, apresentando registros reveladores de dessemelhantes recintos históricos. Portanto, é importante refletir sobre as confluências, incongruências e como são apresentadas as biografias de mulheres nessas ambiências intelectuais. Para o desígnio, será apresentado um levantamento de materiais de cunho biográfico, sobre mulheres, com destaque para aquelas ocupantes do universo educacional.

No campo biográfico existem entendimentos e objetos variados, que atestam para uma multiplicidade, amplitude e densidade de investigações que conseguem:

[...] examinar diferentes formas de controle simbólico do tempo e dos processos de individualização, mapear formas de tradução de distintas experiências de duração e de estruturas imaginativas que relacionam uma vida e seus vínculos com a cultura na qual se insere (Silva; Quinta, 2022, p. 6).

A ideia é pensar sobre personagens biografadas na cena educacional, escolar ou não, compreendendo esse espaço como político e dotado de saberes e epistemologias próprias. Corroborando-se analisar os aspectos priorizados, o que leva pesquisadores/as a biografar mulheres da educação, e quais intentos fortificam, para a escolha da biografia como registro histórico sobre mulheres. Cientes que as biografias podem ser construídas com destrezas multifárias, propomos apreender sobre esse jeito de fazer história, sua presença no campo investigativo citado, e os motivos pelos quais existe um crescente movimento de biografar mulheres educadoras em particular.

A precaução metodológica no que concerne à seleção das obras, fez-se inspirada e embasada em outras investigações sobre produções biográficas, construídas pelas autoras, considerando os referenciais teóricos selecionados, além da busca por obras digitalizadas em sites específicos de comercialização e em repositórios acadêmicos. Ao utilizar as ambiências citadas, utilizamos de palavras-chaves: biografia; história da educação; mulheres.

Isto posto, este exercício científico, caracterizado como pesquisa do tipo qualitativa, por meio da análise documental, apresenta um levantamento de livros publicados durante cinco décadas, uma amostragem, considerando a publicação de outros materiais didáticos que não foram identificados durante a realização da pesquisa<sup>1</sup>. Tais obras explanam biografias históricas sobre mulheres, com destaque para as educadoras e escritoras. Alguns desses livros priorizaram biografar unicamente mulheres, outros também apresentam homens concomitante.

<sup>1</sup> Importante salientar que fatores como a falta de acesso integral ao livro, seja digital ou físico, foi um fator determinante para a exclusão deste, no levantamento elaborado, pois foi necessário realizar uma análise completa das biografias dispostas, a fim de atender um dos objetivos da investigação, ou seja, apresentar biografias históricas sobre mulheres em livros publicados em diferentes tempos históricos.

## Superando os grandes vultos: as ilustres da história da educação através da biografia

Desde a mais tenra idade, algo de estranho inclinava-nos às coisas do passado. Sentíamos-nos verdadeiramente atraída quando escutávamos relatos dos mais velhos acerca de fatos, datas ou pessoas que se relacionassem com os tempos de antanho. E nosso pensamento divagava em paragens longínquas, na ânsia de encontrar o que nosso espírito buscava em forma de conhecimento que nos suavizasse a curiosidade e nos atendesse ao anseio. Intuitivamente éramos senhora daqueles ambientes diversos, como se neles já houvéssemos vivido. Agasalhavam-nos reminiscências estranhas, envolvendo-nos em indefinida saudade. Onde viria ela e quem a despertava em nós? (Britto, 1974, p. 19).

A epígrafe que abre essa subparte foi escrita pela autora Célia Britto, integrante da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. As palavras encontram-se registradas em um material biográfico, que conta a história de um pouco mais de trinta mulheres nascidas no centro-oeste do país. Narra sobre a mulher escrava, indígena, branca, normalista, escritora, poetisa, professora dentre outras. Nas primeiras páginas, a autora justifica a escrita do livro, e em meio a elogios sobre o heroísmo e a autenticidade do povo, o valor do patrimônio regional, a exuberância da natureza, trata sobre vultos femininos que mereciam ser registrados na história.

A noção de vultos apresentada pela escritora caminha na contramão daqueles explanados em muitas obras, pertencentes aos estudos da História da Educação, usualmente construída a partir de grandes homens e grandes acontecimentos. A expressão foi utilizada demasiadamente, para biografar homens ilustres, apresentados sem defeitos, políticos, educadores, religiosos, literatos e membros das forças armadas.

Os homens prestigiados, tratados como os grandes vultos da pátria, povoaram diferentes escritos didáticos, em especial os livros de leitura, materiais pertencentes à cultura material escolar brasileira, em fins de século XIX e início do século XX, voltados para o ensino da leitura e da escrita, com o objetivo de transmissão de valores e propagação ideológica do projeto republicano.

As obras “A História do Brasil ensinada pela biographia de seus heroes” (1890); “Porque me ufano do meu país” (1908); “Goiáz coração do Brasil” (1934) são exemplos de livros de caráter ‘civilizatório’, utilizados no ensino primário brasileiro, constituídos por um conteúdo que priorizou biografias destinadas a cultuar os grandes vultos da pátria.

A expressão também pode ser encontrada em biografias registradas na imprensa periódica, ao lado de uma sequência de elogios que qualificavam homens, ‘dignos de serem biografados’, como gênios, admiráveis, louváveis, exemplares dentre outros excessivos adjetivos típicos da época. Esse tipo de produção biográfica privilegiou, de forma quase que exclusiva, “[...] a memória em detrimento da história, pois os préstimos desses sujeitos para a instrução configuram o sentido de um passado único e coerente” (Valdez & Alves, 2019, p. 02). Antes de condenar as produções em questão, contudo, é importante lembrar do apontamento de Le Goff (2013, p. 9), “[...] los hombres famosos podían ser símbolos muy elocuentes de una sociedad y uma época”.

À vista disso, no que tange à discussão educacional, os grandes vultos foram utilizados, como uma espécie de instrumentalidade educativa, ou seja, ensinava-se conteúdos, doutrinas e lições, por meio do exemplo dado por homens tidos como sem defeitos. O uso da biografia e da sua força educativa era notório, e exemplifica a acepção de Carino (1999, p. 154) que afirma “Não se biografa em vão. Biografa-se com finalidades precisas: exaltar, criticar, demolir, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, dessacralizar”.

Em suma, as biografias, de homens virtuosos estavam presentes nos materiais didáticos, utilizados desde a instrução primária, para orientar sobre os dogmas alusivos à ideia de nação, pátria, obediência, natureza, patrimônio cultural. É válido contudo, reiterar que essas biografias selecionadas e exaltadas, estavam previstas e autorizadas, na maioria dos regulamentos e programas

de ensino dos grupos escolares<sup>2</sup> dos estados brasileiros, com foco na disciplina da História do Brasil.

Assim sendo, consideramos que o uso da biografia de homens, inseridas em materiais didáticos, não era em vão, como sugeria Carino, o que nos leva às considerações de Valdez & Alves (2019). Segundo as autoras, na História da Educação, prevaleceu “[...] o privilégio de histórias de homens movidos pelo caráter missionário da educação, revestidos de posturas de abnegações, beneméritas e salvacionistas” (p.02). Isto posto, constata-se que o escrito biográfico na História da Educação não é algo novo, tampouco surpreendente, e remete a uma historiografia de cunho nacionalista do século XIX, que enaltecia os grandes homens, retratados como heróis e sínteses de todas as qualidades do país.

A biografia se firmava como uma pedagogia do exemplo, no qual meninos e meninas aprendiam, para além de um currículo anteriormente definido, a serem patriotas. Isto significa dizer que a biografia se impôs e ocupou espaço determinante, cumprindo um importante papel na História da Educação brasileira.

A escrita da história individual, ou biográfica, durante muito tempo “[...] se constituiu como a própria história, tratando de sujeitos idealizados, sob formato de prócer, que, aparentemente, agiam na história de forma individual, conquistando louros e garantindo lugar de reconhecimento” (Valdez & Alves, 2019, p. 2). Ensinava-se, registrava-se e aprendia-se história, por intermédio dos grandes vultos da nação. Mas não somente isso: instruiu-se sobre a História da Educação, nos espaços acadêmicos, a partir de compostos biográficos, que representavam a educação concebida em diferentes tempos. O pensamento educacional debatido foi construído atendendo aos fundamentos e teorias construídas por homens biografados.

Obras utilizadas nos estudos da História da Educação, em variados formatos, e consolidadas na historiografia apresentam essa concepção biográfica de homens com posturas louváveis, tais como os livros: “História da Educação na Antiguidade” (1969); “Súmulas biográficas de cidadãos prestantes” (1971); “Os Grandes Pedagogistas” (1978); “História da Educação e da Pedagogia” (1978); “História do pensamento educacional” (1976); “História da Pedagogia” (1999). Recorrendo novamente a Valdez & Alves (2019),

[...] é possível percebermos que o uso de biografias no ensino de história da educação se faz presente em tempos e lugares diferentes. A forma com que as biografias são apresentadas e disponibilizadas nas páginas das obras citadas se difere a partir de alguns conceitos da própria apresentação que se confrontam. Adjetivos de qualidade que enaltecem a nobreza, ilustração, elevação, brilhantismo de homens merecedores são substituídos por mestres, professores e educadores reconhecidos pela atuação intelectual, percursores da educação, que trabalharam pela educação e por seus feitos educacionais (p. 7).

O dito até aqui, ajuda a compreender a consonância entre a escrita biográfica e a História da Educação, revelando uma relação antiga e atestando que o gênero supradito, se impõe como fonte autêntica nos estudos históricos educacionais. Entretanto, a biografia nesses estudos, tomou um rumo prodigioso, que vem se mostrando atuante e próspero.

Trata-se da inserção das mulheres na percepção dos grandes vultos. Voltemos assim, ao anunciado por Célia Britto, ainda nos anos setenta do século XX. Vultos femininos, especialmente aqueles ocupantes da cena educacional, ou melhor dizendo, professoras, normalistas, alfabetizadoras, diretoras, palestrantes, escritoras, passaram a apoderar-se dos hiatos e das esferas na historiografia educacional.

---

<sup>2</sup> Modalidade de ensino e símbolo da intervenção estatal no ensino primário, no início do período republicano brasileiro. “A institucionalização dessa modalidade de escola primária representou uma das faces do projeto republicano de modernização da sociedade e de civilização das massas, portanto, uma expressão do processo de desenvolvimento do capitalismo [...] Criar uma escola mais racionalizada e padronizada atendia às necessidades de um projeto de integração social e política julgado fundamentalmente para a consolidação da República. Por isso, a escola primária foi concebida como fator de ordem e moralização pública e a democratização e a renovação do ensino, consideradas condições imprescindíveis para a consecução do imaginário republicano de progresso e reforma social” (Souza, 1998, p.280).

## O levantamento: biografias históricas sobre mulheres

A mudança movimentou vigorosamente, a constituição de escritos didáticos da área e a produção biográfica, antes desenhada pelo culto aos heróis, começou a compilar a história das mulheres educadoras. Alguns livros podem atestar para a modificação paradigmática exposta, e mostrar que a história de vida de mulheres educadoras, está ocupando protagonismo na historiografia educacional, por meio do exercício biográfico histórico. Vejamos:

**Tabela 1.** Produção histórica biográfica sobre mulheres – educadoras e outras ocupações

<b>Obra</b>	<b>Autoria</b>	<b>Publicação</b>
<b>Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis</b>	OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mario Gonçalves.	1967
<b>Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira (1882-1982)</b>	COELHO, Nelly Novaes.	1983
<b>Dicionário Mulheres do Brasil: De 1500 até a atualidade</b>	SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (orgs.).	2000
<b>Abre alas: O Feminismo na virada do século XIX/XX</b>	SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital	2001
<b>Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)</b>	COELHO, Nelly Novaes.	2002
<b>Dicionário de Educadores no Brasil: Da Colônia aos dias atuais</b>	FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque & BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.).	2002
<b>Um Rio de Mulheres – A Participação das Mulheres Fluminenses na História do Estado do Rio de Janeiro</b>	SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital.	2003
<b>História e Histórias de Vida – Destacados Educadores Fazem a História da Educação Rio-grandense</b>	ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.).	2004
<b>Gogó de Emas – A participação das mulheres na história de Alagoas</b>	SCHUMAHER, Schuma.	2004
<b>Brasileiras guerreiras da paz: Projeto 1000 mulheres</b>	CHARF, Clara (coord.).	2006
<b>Mulheres Negras do Brasil</b>	SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital	2007
<b>Dicionário mulheres de Alagoas ontem e hoje</b>	SILVA, Enaura Quixabeira Rosa; BOMFIM, Edilma Acioli.	2007
<b>Educadores sul-rio-grandenses: muita vida nas histórias de vida</b>	ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.).	2008
<b>Escritoras brasileiras do século XIX: antologia</b>	MUZART, Zahidé	2009
<b>Dicionário de Mulheres</b>	FLORES, Hilda Agnes Hubner.	2011

<b>Mulheres no poder: Trajetórias na política a partir da luta das sufragistas do Brasil</b>	SCHUMAHER, Schuma; CEVA, Antonia.	2015
<b>Destacado educadores brasileiros: suas histórias, nossa história</b>	ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.).	2016
<b>Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: Séculos XVIII-XXI</b>	VALDEZ, Diane. (org.).	2017
<b>Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil</b>	CARARO, Duda Porto de; CARARO, Aryane.	2017
<b>Educadores brasileiros: ideias e ações de nomes que marcaram a educação nacional</b>	REGO, Teresa Cristina (org.).	2018
<b>Histórias de Vida de Alfabetizadoras Bem-Sucedidas: Saberes e práticas</b>	MONTEIRO, Maria Iolanda.	2019
<b>Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros</b>	DUARTE, Constância Lima.	2018
<b>Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis</b>	ARRAES. Jarid.	2020
<b>Narrativas Negras-Biografias ilustradas de mulheres pretas brasileiras</b>	Coletivo Narrativas Negras	2021
<b>Educadores paulistas: Histórias de Vida e Ações no âmbito educacional</b>	MENEZES, Lis Angelis Padilha de.	2022
<b>Biografias de Mulheres pelos Fiapos da História</b>	SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos.	2022
<b>Memorial do Memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história</b>	DUARTE, Constância Lima. (org.).	2022
<b>Dicionário de Autoras(es) de Cartilhas e Livros de Leitura no Brasil (Século XIX)</b>	VALDEZ, Diane; PANIZZOLO, Claudia; DIAS, Ana Raquel Costa; ROCHA, Juliano Guerra. (org.).	2023

Fonte: Dias (2023).

Essas obras compostas por centenas de páginas, apesar da maioria utilizarem em seus títulos, a palavra educador(es) no masculino, apresentam biografias de mulheres, e nas apresentações e prefácios, expõem preocupação acerca da necessidade de contar a história de educadoras que ocuparam as salas de aula, formularam métodos, produziram escritas didáticas e literárias, e contribuíram de alguma forma, com os processos de ensino aprendizagem nos espaços públicos e privados.

As educadoras são retratadas ao lado de sacerdotisas afro-brasileiras, sufragistas, escritoras de materiais didáticos, poetisas, contistas, ensaístas, cronistas, ocupantes de cargos políticos, sindicalistas, jornalistas, artistas, tradutoras, formadoras. Interessante atestar, que a maioria de alguma forma, participou da cena escolar, seja por meio da produção de livros, lecionando desde a educação básica ao ensino superior, na direção e/ou coordenação de diferentes instituições educacionais.

As amostras citadas, servem para desvelar, indícios da elaboração de uma história das mulheres, especialmente educadoras, feita através da biografia histórica. As pistas salientam que existe uma prática próspera, em prol da elaboração de um fazer histórico educacional diversificado,

com vistas para produtoras e produções pouco lembradas ou desconhecidas. São biografias de mulheres que romperam obstáculos, principalmente aqueles que são privados, e ao escreverem e ocuparem o magistério foram:

[...] pioneiras em suas criações e inventividades e questionaram o sistema patriarcal, enfrentando seus obstáculos e sendo protagonistas em movimentos artísticos e científicos, bem como deixaram seus vestígios em suas obras, mesmo que essas não tenha tido o reconhecimento e o espaço merecidos (Silva; Silva, 2022, p. 2).

O exercício biográfico na área da educação, estende-se, inclusive, para os trabalhos acadêmicos como teses e dissertações, conforme exemplificação no início desta escrita. E não se limita somente à História da Educação, revelando o uso da biografia histórica como fonte para as pesquisas no campo de formação de professores(as), didática, políticas educacionais, estudos das infâncias e juventudes e outros mais. Compreendemos, assim, utilizar a biografia na pesquisa histórica educacional, por sua “[...] riqueza, originalidade, variedade, e pela dinâmica vital que retratam, podem e devem as biografias bem pesquisadas e construídas servir, portanto, de fonte historiográfica para a história da educação” (Carino, 2000, p. 171).

Mas por que se tem biografado na educação, com um olhar especial para educadoras? A resposta talvez seja entender, registrar e valorizar as histórias de vida de mulheres, que são pioneiras e protagonistas, de um universo majoritariamente feminino que é o magistério<sup>3</sup>.

O cenário levantado por meio dos livros elencados precisa ser tratado com zelo e merece pesquisas posteriores, bem como a continuidade do levantamento. Estão biografando mulheres, em especial escritoras e educadoras, a fim de atender a diferentes intentos, e isso não pode ser interpretado como obra do acaso, pois também significa levar luz e descortinar espaços sociais e culturais que são lugares de ensinar e aprender.

As justificativas sobre biografar educadoras, podem ser diversas, mas fundamentam-se, sobretudo, no reconhecimento de registros, que invisibilizaram ou raramente contaram as histórias de vida de mulheres atuantes do universo educacional. Elas criaram métodos, processos, fundaram escolas, ensinaram, formaram milhões, sofreram perseguição, conquistaram, foram atuantes e resistentes, de certa forma, revolucionárias em muitos aspectos.

Tais vidas estão inteiramente relacionadas a representações, discursos, relações de poder, práticas sociais e doutrinas fundantes e inerentes à compreensão das sociedades. “Suas histórias refutam o lugar de silêncio imposto pela história, pois em seus tempos, cada uma delas, se constituiu nos enfrentamentos que se fizeram ensinamentos” (Valdez, 2017, p. 19). As educadoras biografadas possuem um jeito:

[...] singular na atuação do processo educacional, mostrando que a história da educação é construída por diferentes caminhos e modos de ser. O ato de educar é complexo e demanda formas de atuação que nem sempre são registradas e reconhecidas pela história. Assim, muitas vezes, relegamos ao esquecimento ações educacionais que são imprescindíveis para compreender como se efetiva o processo educacional (Santos, 2022, p. 3).

A História da Educação encontra-se dedicada na reinvenção e na problematização, para a retomada de uma narrativa que não privilegia grandes homens e grandes feitos, mas compreendendo subjetividades, experiências, enfrentando cânones e reposicionando as mulheres em seus devidos registros. Particularmente reiteramos que as vozes de educadoras ecoaram e passaram a ser finalmente notadas na história.

<sup>3</sup> A despeito dos estudos sobre o processo de feminização do magistério indicamos: Fischer (2011); Louro (2015); Villela (2016); Werle (2005).

## Considerações finais

A introdução descrita, percorreu brevemente sobre a história de vida de mulheres, em proposições literárias e acadêmicas, objetivando sinalizar um tipo de produção específica: a biográfica. Apresentam-se nestes modos biográficos, nos formatos de verbetes, cordéis, poemas e textos diversos, todos com um mesmo propósito: contar a história de mulheres. As educadoras foram a totalidade em alguns, em outros a maioria, nos demais minoria, mas estão presentes. Nas obras mencionadas no quadro 1 é inevitável reparar a presença de mulheres da educação, de modo a problematizar a História da Educação brasileira.

Ao organizar um levantamento de livros biográficos sobre mulheres também objetivamos instigar a produção de outros, propondo a imensidão de possibilidades investigativas que tais escritas podem proporcionar.

A reflexão tecida não se finaliza com este produto científico, principalmente se considerarmos a urgente necessidade de se contar sobre nomes e vidas de mulheres, com suas resistências, intencionalidades e propósitos. Registrar os esforços coletivos que estão sendo realizados, com ênfase naqueles que caminham na consonância com a História da Educação brasileira, faz-se como prática de valorização e reconhecimento de uma ciência aberta, diversificada e plural, revelando ademais, uma historiografia constituída por publicações que repensaram, articularam e apresentaram por meio da biografia, outras diversidades, contextos, enfrentamentos, trajetos.

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação Rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.) **Educadores sul-rio-grandenses**: muita vida nas histórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Destacados educadores brasileiros**: suas histórias, nossa história. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

ARRAES, Jarid. **Heróínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. Editora Seguinte: 2020.

BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. **Entre lágrimas, sorrisos e muita luta**: a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda – Lélia Abramo (1911 –2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 –) e Irma Passoni (1943 –). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. 2021.

BRITTO, Célia Coutinho Seixo de. **A Mulher, A História E Goiás**. Departamento Estadual de Cultura: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1974.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CARARO, Duda Porto de; CARARO, Aryane. **Extraordinárias**: mulheres que revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2017

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 67, agosto, 1999.

CARINO, Jonaedson. A biografia como fonte para a História da Educação: subsídios para um debate necessário. **Educação & Filosofia**, v. 14, nº 27/28, 2000.

- CELSE, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. Laemmert & C. Livreiros, 1908.
- CHARF, Clara (coord.). **Brasileiras guerreiras da paz: projeto 1000 mulheres**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHÂTEAU, Jean. **Os grandes pedagogistas**. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1978.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira. (1882-1982)**. São Paulo: Quíron, 1983.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)**. Editora Escrituras, 2002.
- COLETIVO NARRATIVAS NEGRAS. **Narrativas Negras: Biografias ilustradas de mulheres pretas brasileiras**. Editora Voo, 2021.
- CORALINA, Cora. Mulher da vida. *In: CORA, Coralina. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais*. São Paulo: Global, 1975.
- CRUZ, César Augusto Mendes. **Entre Santas e Embusteiras: Magdalena De La Cruz (1500-1546)**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campina, 2019.
- DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- DIAS, Ana Raquel Costa. **Biografias de Mulheres na História da Educação: Benedicta Stahl Sodré, Branca Alves de Lima e Iracema Furtado Soares de Meireles (Século XX)**. 2023. 391 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.
- DUARTE, Constância Lima. **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. São Paulo: Editora Autêntica, 2018.
- DUARTE, Constância Lima (org.). **Memorial do Memoricídio: escritoras brasileiras pela história**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro, Editora Malê, 2017.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque & BRITTO, Jader de Medeiros (org.). **Dicionário de Educadores no Brasil: Da Colônia aos dias atuais**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- FERNANDEZ, Graciela Nieves Pellegrino. **Teresinha Fróes Burnham, sujeito encarnado: subjetividades corpóreas em sua vida e obra**. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento). Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, 2021.
- FISCHER, Beatriz Daudt. A professora primária nos impressos pedagógicos (de 1950 a 1970). *In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. III – Século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Dicionário de Mulheres**. Editora Mulheres, 2011.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **A poeta indígena que luta pelos direitos da mulher nas aldeias.** [Entrevista concedida a] Heloisa Aun. *Catraca Livre*, 2019.

KAUR, Rupi. **O que o Sol faz com as flores.** Tradução Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

LE GOFF, Jacques. **São Luís.** Biografia. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

LE GOFF, Jacques (coord.). **Hombres y mujeres de la Edad Media.** Trad. Isabel Almada, Odile Guilpain. México: FCE, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi. História das Mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2015.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.

MARROU, Henri-iréné. **História da educação na antiguidade.** São Paulo: Herder, 1969.

MARTINS, Terezinha Nunes. **Súmulas biográficas de cidadãos prestantes.** São Paulo, 1971.

MAYER, Frederick. **História do pensamento educacional.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1976.

MENDONÇA, Kelly Yara de Souza. Expressões decoloniais na performance de poesia de mulheres. *In: XVII Encontro Regional de História da ANPUH-PR. Anais [...],* Maringá, p. 01-13, 2020.

MENEZES, Lis Angelis Padilha. **Educadores Paulistas: Histórias de Vida e Ações no âmbito educacional.** São Paulo: Editores Associados, 2022.

MONTEIRO, Maria Iolanda. **Histórias de Vida de Alfabetizadoras Bem Sucedidas: Saberes e Práticas.** Curitiba: Appris, 2019.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Goiás coração do Brasil.** Senado Federal Centro Gráfico, 1934.

MUZART, Zahidé. **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia.** São Paulo: Editora Mulheres, 2009

NÓVOA, António. **Dicionário de Educadores Portugueses.** Edições Asa, 2003.

NUNES, Guilherme Machado. **Mulheres Comunistas no Brasil: Elisa Kauffmann Abramovich, Julieta Battistioli e Júlia Santiago da Conceição (1935-1965).** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mario Gonçalves. **Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis.** Lello & Irmão, 1967

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu,** n4, 1995.

REGO, Teresa Cristina (org.). **Educadores brasileiros: ideias e ações de nomes que marcaram a educação nacional.** Curitiba: CRV, 2018.

ROMÉRO, Sylvio. **A História do Brasil ensinada pela biografia de seus heroes**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Comp., 1890.

SANTOS, Adriana Vilar dos. **Educação, docência e memórias da professora Maria Bronzeado Machado (1940-1986)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2019.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. (org.). **Biografias de Mulheres pelos Fiapos de História**. Curitiba: CRV, 2022.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil: De 1500 até a atualidade**. Biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Abrealas: O Feminismo na virada do século XIX/XX**. Rio de Janeiro: REDEH, 2001.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Um Rio de Mulheres – A Participação das Mulheres Fluminenses na História do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: REDEH, 2003.

SCHUMACHER, Schuma. **Gogó de Emas: a participação das mulheres na história do Estado do Alagoas**. Rio de Janeiro : REDEH, 2004

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC Editoras, 2007.

SCHUMACHER, Schuma; CEVA, Antonia. **Mulheres no Poder: trajetórias na política a partir da luta de sufragistas do Brasil**. Rio da Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

SILVA, Cristina Maria; SILVA, Junia Paula Saraiva. (Bio)grafando mulheres: as singularidades de histórias de mulheres no campo das ciências e das artes. **Revista Espaço Acadêmico**, 2022.

SILVA, Enaura Quixabeira Rosa; BOMFIM, Edilma Acioli. **Dicionário Mulheres de Alagoas ontem e hoje**. Maceió: EDUFAL, 2007.

SILVA, Wilton Carlos Lima da; QUINTA, Hugo. Dossiê: O espaço (auto)biográfico: indivíduo, memória e sociedade. **Revista NUPEM**, v. 14, n. 32, p. 6-9, maio/ago. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: 1890-1910**. São Paulo: UNESP, 1998.

TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **Uma cosmopolita nos trópicos: a trajetória de Yvonne Jean no jornalismo carioca (1940-1950)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, 2018.

URBAN, Adriana Oliveira. **Nellie Ernestine Horne: vida professoral de uma educadora canadense na Paraíba (1934-1968)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2020.

VALDEZ, Diane. (org.). **Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: Séculos XVIII-XXI**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017.

VALDEZ, Diane; ALVES, Miriam Fábila. Espaços de Educar: Biografias Femininas e Ensino de História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019.

VALDEZ, Diane; PANIZZOLO, Claudia; DIAS, Ana Raquel Costa; ROCHA, Juliano Guerra. **Dicionário de autoras(es) de cartilhas e livros de leitura no Brasil [Século XIX]**. Goiânia: CEGRAF UFG, 2023.

VIDAL, Mauren Pavão Przybylski Da Hora. Os slams de poesia de mulheres: vozes femininas decoloniais. **Asas da Palavra**, v. 18, n2, jul/dez, 2021.

VILLELA, Heloisa. O Mestre-Escola e a Professora. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Práticas de gestão e feminização do magistério. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 35, n 136, dez. 2005.

Recebido em 28 de novembro de 2023

Aceito em 29 de janeiro de 2024